

A COMEDIA SOCIAL

Anno 2

HEBDOMADARIO POPULAR SATIRICO

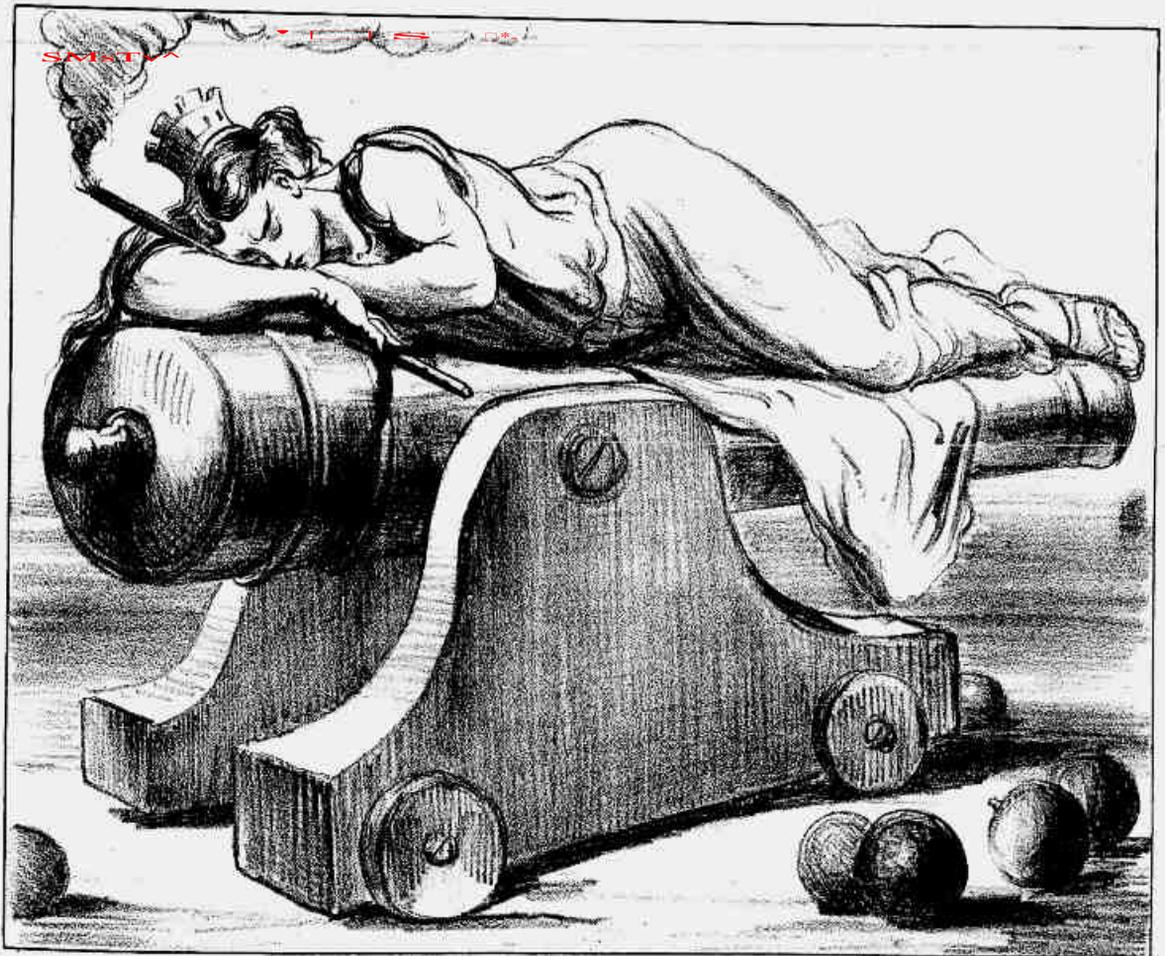
Nº 59



Advertencia
 Não se a quem quer mandar artigos ou desenhos para a
 Comedia social, se digue de remittê-los a redacção **Revista**
do Rozario No. 43, 1º andar, onde se recebem assignaturas.)

COTE E NITHEPOTI		Preço das Assignaturas	
		Passo as Provincias	
Anno	84 000	Anno	10 1000
Semestrestre	4 500	Semestrestre	6 500
Numero Anual	150		

Programma
 A Comedia Social tem por seu programma a satyria do povo e sua representaçao physica, moral e social. Seu fim e entre-
 tener o espirito, se he de satyria e habilita-lo por uma lição de vida e politica a procurar-se a os meios e fizes do Brasil uma melhor situação e prosperi-
 dade. O meio que emprega e a comedia, e a critica satyrica dos vícios e abusos que corrompem a nossa sociedade, da corrupção, da desonestidade, da
 falta de moralidade, da ignorancia e do desinteresse.
 Na falta de tempo e de mal e uma bandeira por um trabalho útil ao bem.



A proxima Paz Europeá

A COMEDIA SOCIAL

RIO DE JANEIRO, 15 DE MARÇO DE 1871

Uma vocação mallograda. VII.

Não era Vicente capaz de deixar-se ficar perplexo por estar desempregado, tanto mais quando em uma cinta vermelha tinha um pechincho formado das suas economias de moço de vacas.

A sua trouxa de roupa não era mais volumosa; constava de uma calça de garrucha amarella, outra de ganga azul bastante desbotada, uma camisa de algodãozinho e um pedaço de algodão que fazia as vezes de toalha.

Os sapatos Vicente nunca usara; meias seriam para elle um tormento atroz; e os vendedores de colletes ver-se-hiam reduzidos a moçar de fumar, se não tivessem senão freguezas da laia do Peroba.

Offeito de possuir algum dinheirinho estimulado o ex-vendedor de leite a não perder tempo; depois de ter passado ao relucido a noite em que foi expulso da estribaria do leiteiro, foi logo dia seguinte offerecer-se em uma padaria para vender pão.

Não deixava de sorrir-lhe agradavelmente a idea de saber todas as manhãs acompanhando o preto do pão e nadar de porta em porta prestado a entrega d'esse genero de primeira necessidade para muitos peçonhas.

Nos seus sonhos doutados o Vicente contava obter grande numero de freguezas para a padaria em que estivesse empregado, e já calculava pedir uma porção de dinheiro ao irmão em seu zelo e da sua integridade.

A imaginação do muchucho tans custelhas ia forçando que afinal o Peroba já se considerava dono da padaria em que ia pedir emprego.

Grande porém foi o seu descontentamento quando lhe participaram não haver necessidade de caixeiros de natureza alguma.

Por um instante ficou o Fygalissa enbustado; mas cobrando um moço para como uma flecha para a morada do Matheus.

Era este um natural da ilha de S. Miguel, e, tem differença do Peroba, andava sempre de collete.

De estatua mediana e com os pés metidos em uns chinelos portuguezes, era o Matheus um dos tipos de aguçadeiro desta boa e leal capital do imperio do Cruzeiro.

A camisa do Matheus tinha sido lavada em outro tempo. O seu chapéo de braga desabato encaixava-se perfeitamente com a sua densa barba negra, e a sua cara avermelhada e crestada pelo sol dava-lhe assim uns tons de pimentão em conserva.

O Matheus nunca vendera agua em cartoga. Como a maior parte de seus freguezas moravam em um moço, eram os barris transportados nas costas dos burros.

Estas animas pertenciam ao Matheus e a um primo deus, que também em fabrica de tannoco.

Moravam os dois num quartinho de um pedregoso situado na fraldal do morro, cujos habitantes eram abastecidos d'agua pelo filho da ilha de S. Miguel.

Procurar acido na morada de um aguçadeiro portuguez equivaleria a procurar a quadratura do circulo. Nem o Matheus era homem que perdesse tempo em limpar a sua morada, quando podia aproveitar as horas vendendo agua e ganhando com quibus.

O fabricante de tannoco deixava a gerenciação negocio d'agua inteiramente ao cuidado do primo ilheo, e este ao fim do mez apresentava ao seu socio as contas que queria.

Como só havia um aguçadeiro para aquella morada, a freguezas cada vez augmentava mais; porém também muitos freguezas esqueciam-se de pagar as suas dividas, e iam deixando avultadas consideravelmente.

Justamente quando o Matheus rminuava um projecto para fazer cessar esse não estado de cousas, appareceu-lhe o Peroba que vinha indagar se alli não haveria necessidade de um moço para vender agua.

Passou no aguçadeiro que o Peroba pedir-lhe sobagio satisfactoria a aquelle intrucado problema que o preoccupava.

(Continua).

Olho de Gato.

POR LULU NKRRO

PROLOGO.

Renata estava no baile.

Apezar de bonita, essa moça nunca tinha-se casado. Porque ninguém a tinha pedido em casamento. Ella tinha muito orgulho de fidalga, que era, para casar-se sem ser pedida.

Estava pois no baile.

Chamto dois sujeitos dizeem que D. Fulana namorava com certo ricasso para enganar o espanhol nos lagos do hymeneu. Indignou-se contra D. Fulana, Compedeu-se do ricasso.

— Salvo! I beabou a um dos sujeitos, que tinha olhos de cor verde e brilhante.

— Não quero, por que se não dá a mim!

— Pois, de lá seu chignon.

Ella hesitou.

— Oh, senhor, eu não traço chignon.

— V. Essa me enganou.

Não houve remedio. Ella entregou o chignon ao desconhecido que, atravessando o salto de um piano, brandiu o objecto fatal na cara de D. Fulana, Esta empallideceu. O ricasso saiu-se. O desconhecido desapareceu com o chignon.

— Nunca mais hei de ver o meu chignon nem o moço bonito que o levou, suspirou Renata.

— Paciência, ella ha de vir, disse Julieta, bambando-se em lagrimas de sympathia.

Ingatou-se a bondosa moça. O moço bonito vendeu o chignon por dois mil réis e partiu para a Argelia.

QUEM MELA OLHO DE GATO.

O desconhecido, moço bonito ou Olho de Gato (porque todos esses nomes designam a mesmíssima pessoa) não era algum João Fernandes.

Não pense, meu leitor, que ella foi baptizada com esse nome singular—Olho de Gato. Pelo contrario tinha um nome tão decente como vos ou tu, ou outro qualquer.

Qual era não sei.

Chamavam-lhe Olho de Gato os bebedores de uva. Os bebedores de uva não bebem arca. Bebem só cachem quando a tem. Quando a não têm bebem agum, comquanto bebem em geral que a uva só se usa para bannos e para lavar roupa suja.

II.

DESFILADEIRO DO DEMONIO.

Nesse desfilarão Olho de Gato matou um exercito de 500,000 homens. Apoderou-se de uma menina bonita e de

5,000,000 contos de réis. Tanto isso fez elle sozido. Viva Olho de Gato! Se fosse filho do Brasil, mal vozes se levantariam nas publicações a pedir para exigis que o governo expulhasse ao paiz porque o não tinha feito Barão.

III.

PARTIDA PARA A GUERRA.

— (General, vou é covarde.

Assim diziam Malinlu e Renatu ao pai deus. Para mostrar que não o era, o general pediu licençara o governo para ir tomar parte na guerra da Argelia.

Apresentando os seus motivos, o governo annuo.

IV.

A GUERRA DA ARGELIA.

Vou explicar a origem dessa guerra. Aquimeto, subdelegado de Constantinopols, tinha deixado de fazer venar a chapaco governo em certa eleição. Somente falta de patriotismo exigia um castigo exemplar. E o governo achou-se capaz de fustigá-lo.

Aquimeto, porém, é guerra não consentiu, e levantando o estandarte de revolta, pôz-se a frente de 2000,000 homens e entrancheirouse em Constantinopols.

V.

O GRANDE MALLOGEO.

— Adeus, meus filhas, vou para Constantinopols. Queixo que lhas traga a cabeça de Aquimeto em duas libras de figos?

— Então, papai não leva-nos também?

O general abraçou as mocinhas, e marchou para Constantinopols. Não tomou a cidade, porém não foi por causa dos 2,000,000 homens, e sim por causa do Olho de Gato que estava lá dentro.

— Oh, mirra-me a coitada do general, chorando, minhas pobres filhinhas têm de ver-me voltar sem cabeça nem figos.

Que golpe cruel para ellas!

VI.

AS DUAS MOCINHAS.

Os regulamentos poniaes da Argelia não prohibem que as mulheres vistam roupa de homem, inaventurada torra de liberdade!

Por isso Julieta e Renata não hesitaram em trajarem calça e casaca. Assim armadas percorreram o deserto, matando lobos e piratas e diabo, e afinal de contas calaram nas garras do subdelegado Aquimeto.

Este quis casar-se com Renata. Ella, porém, estando agora afeita ás calças e não querendo voltar as suas, formalmente recusou-se a isso.

O subdelegado zangou-se bastante, pulou o chaminho e correu as cabeças de 10,000 dos seus fiéis subditos, as quaes rolaram aos pés de Renata.

Cousa singular! Nem mesmo esta scena pueril inclinou o coração da donzella para Aquimeto.

VII.

A TOMADA DE CONSTANTINAPOLS.

Olho de Gato amava Renata.

Por isso zangou-se com o subdelegado, sabido da cidade, tocou a enter e matou toda a garracão.

— Diga duas palavras, gritou elle a Aquimeto, e mato toda essa gente de novo!

Não se pense que isso era uma ameaça inútil e vangloriosa.

Quem costuma ler aspatis, degeneres sabe que muitas vezes as perdas do inimigo (notem bem que o inimigo do inimigo) são superiores a força com que entrou no combate.

Agora pergunto, como é possível, isto, e um homem não pode ser moço mais de uma vez?

VII.

CONCLUSÃO.

O general recebeu a seguinte carta: Querido Velho: — Communico-lhe a minha feliz casação com um capitão de cavalaria, que matou 100,000 francezes em um combate.

O subdelegado Aquino está disposto a submeter-se com a condigna de receber do governo uma dúzia de photographias e mandado de deputado.

Esquecei-me de dizer-lhe que casei com a sua filha Renata. Em compensação mando-lhe duas libras de figos. Adeus. — Ocho de Gato, 77.

REGAÇOS DOS AMIGOS

Saneto.

Qualquer plebeu, qualquer filho do nobre (se ha nobreza ainda) me o que dardido? Troca-não, dardo, raço, perdido. Que quer, fufurôncado, alguma cobra.

Qualquer, que abençoado do seu pobre De apaga e da remota, e tem priado De ser de certo modo conhecido. Embora a não eu todos mal se dobre.

Qualquer d'avel, mais ovava—bom cavento Sabido, do moderatissimo seu cético. De zenois puvenciosos elevados?

E visto que não tudo basta o feito. A politica attira-se, e... (omdados, Eitos, por puvenciosos um roso feito!

Cousas politicas.

Verificou-se tambem o enterroimento scionico do gabinete de 29 de Setembro II morto e a espera de sepultarem desde a vesperta do seu nascimento.

Isto que parece absurdo foi tão certo como tres e dois fazem cinco; aquelle misterio ainda ora feo, ainda estava no ventre do Sr. visconde de S. Vicente, quando morreu; mas o illustre estadista não deixou o cadaver não não poder mais.

Ora pois!... todos podem governar este imperio do Brasil, nas suas deficiencias... exemplo: o gabinete de 29 de Setembro II. D'antes as criaturas constituiram a perigueria.

— O que é T... o que é que antes de ser já era?...

É respondido: — É o pescador.

Mas agora talvez que outros respondam: — É o defuncto gabinete do Sr. visconde de S. Vicente.

Mas foi morto, foi morto. É verdade que desde a voz a primeira ostou como uterica; houve não menos de 15 dias de choro, e um dos seus ovos voltou da Bahia morto.

Ha duvidas sobre os dias do nascimento do novo gabinete do Sr. visconde do Rio Branco; porque os trabalhos do path de a S. Ex. começaram no ultimo dia de portamto no futor, do carnatal, e só se completaram incompletamente nos primeiros dias de Março; temos pois um ministério do mez da penitencia, e ficou officialmente assentado dar-lhe por data natalicio o 7 de Março, dia em que a criança já engatinhava.

O actual gabinete principia pois em contra-revolução com o passado; porque o Sr. S. Vicente já estava morto antes de ter nascido, e o do Sr. Rio Branco nasceu pelo menos dois dias depois de andar de palatão.

Em consequencia destas inconsequencias dizem os corajosos dos ministros que já não sabem a quantos andam.

Ninguém se lembra de por em duvida a alta capacidade do Sr. visconde do Rio Branco, que por seus trabalhos e pratica, combates e victorias em diplomacia conquistou a posição que tem no país; por isso tomou elle a pasta da guerra.

O Sr. deputado Correia, que do clero da 4.ª seccão da secretaria do imperio passou por seu ministrio em estabelecido a director do censo, foi exactamente por isso encartado na pasta dos negros e estrangeiros.

O Sr. deputado Duarte de Azevedo, que no sessão parlamentar de 1870 naufragou duas vezes nos baixos do elemento servil. Foi por habendo a naufragio escolhido para ministro da marinha.

O Sr. deputado Theodoro, cujo nome quer dizer dardo por Deus, levou o seu atavio para a agricultura, e conta offerecer pingue colheita de fructos, graças aos seus conhecimentos de jurisprudencia.

Na pasta do ministrio do imperio estava gravada esta inscripção: — Nolite Invenire! — e como estava, ficou.

Quem não está no seu lugar é o Sr. senador Saço Lobato; porque, sendo homem formado e versado em leis, o mandaram para a pasta da justiça. Se lhe houvessem confiado a enchada do agricultor, elle abria a essa muito melhor; mas ainda assim S. Ex. com a espada da justiça ha de mostrar como se corta em direito.

A pasta da fazenda é que ainda está sem cabeça permanente, e que quer dizer que o discurso publico se acha (captado) provisoriamente.

E assim vai indo a situação.

O QUE VAL POR AHI

Pres. adissimos e leitores leitores! Desto vez não é o verso humilde creado para ter a honra de escrever a maior parte de substancia do folhetim.

Reduzido a simples commentario do pensamento estrofolico, não vou fazer mais do que transcrever alguns trechos de um livro que vi inavessado no dia de um Presidium, e que, segundo conta, hade ser impresso brevemente na lingua do Bismarck, para que melhor nos possa julgar a velle e rabeirada politica do Guilherme, cujos habitantes, quasi todos perfeitissimos, jantam virgase da atrevida attitude do opinio dos Brasileiros a respeito do comportamento barbaço dos Prussianos em França.

Os leitores vem por ahi quanto pode o espirito de repessalia, quando encubado no osmento cerebro de um escravo do despotismo.

Ha algumas amostras desse curioso livro, que o autor: Instituto Christologico do America do Sul.

A politica é diz o Prussiano, a ea preteijal occupação de todo o Brasileiro que não pensa para mais coisa alguma.

Quando cabo um ministrio, qualquer doutor—no Brasil ludo o mundo é mais ou menos doutor—paga-se habilitado para palliar a peccadaria do Estado, e como tem sido ministro muita gente saí...

O Prussiano tem aqui de um termo inconveniente, que não poderia transcrever.

«...o paço acostumava-se a crer que esse predilecto é indispensavel para ser-se ministro; do que resulto que os homens sensatos não aciam, serio como um sacrificio não pesado, eurgio no ingrato.

«Arreascionismo que os unicos que a consciencia das massas julga apto para governar são os bacharéis em leis, epeito do abitoes que vivem da corrupção geral.»

«No prussiano continuam este assumpto, o tal Prussiano é descomodado nos tempos, ingusto nos pensamentos e destemperado nas suas appesições, sigeitadas pelo sedo de vingança.

«Nesse pequeno barbaço, a—diz o livro critico a propósito do Pesseu, publico—é que os habitantes do país, mossa cessaram de ser apocari. O livro mobil do genero, capaz de rivalisar qe com o nosso Thier Garten, de Berlim, muitas vezes graçai uma sãde capaz de fazer senão a lingua, fora achar aqui em parte alguma, nem no boca do lagudo de chumbo, nem mesmo na boca dos dous battracos bronzeados que se entrelaçam a mangem de um tanquesimto ludo e supo.»

O homem tomou por dous saços os juretes do jurado.

«E quasi inveni) que os Brasileiros se não mostram indignados a vista de semelhantes ludo; mas a politica, e em geral o systema das cousas do Brasil são taes, que tem dissolvido os sentimentos puvenciosos a ponto de se duvidar do valor e ate da dignidade das proprias massas.»

E ate nome pode chegar a maldicencia! Quando foi que no Pesseu publico julga aqui para se beber ?!

«Para dar-vos uma ideia ainda que muito benevola, do puvencio desse povo amacado, vou o-lhar-vos um dia, depois outro.

«Hi aqui dous companhaes de omabos vulgarmente chamados de boudis, dis qtuas uma é muito mais antiga do que a outra.

«Uma vez faltava a esta o que quer fosse: ella estava que se dividia habilitando os seus boudicos, mandando invadir um grande numero de que já estavam vendidos, e amovendo com isso tal peptenra, que melhor se a chamam dias apofices.

«E o povo não se mecheu.

«Ultimamente que eu ir ao Rio Comprido, e como

um pruvencio, bem a fugia do país, liei-me 110 vado de levar, que, collocado no alto de uma bond, dicio: llo Comprido, e embarquei.

«Qual, porém, não foi a minha surpresa ao ver que a tal bond já me levando para o Andaruby, lo-gado muito afastado do país, que indicava a le-temo!

«Ao desce do carro subgravam-me entredado a pagar muito thaler.

«E eis como no Brasil o pruvencio de um vigario contra a pallio reserbi sempre em favor de quem o movia.»

«Ora é preciso ser-se Prussiano para se poder inventar semelhante calumnia contra a bondade compallio de boudis do Largo do S. Francisco!

Talho no Brasil attinge as proporções do rufado, a—diz ainda o maldico critico.

«Vos dais a liberdade a um escravo; ozeiro e escreevem que vos quizesse libertar da obrigação de covar um escravo enfimo de mollista contigiosa.

«Vos fizeis grandes serviços ao Estado, e obtivestes uma recompensa honorifica; por mais mesquinha que seja em relação ao valor do beneficio, hade passar por uma distincção comprida em obditi por meios illicitos.

«Vos cultivais a sciencia, e escreveis um livro importante; ninguém o lê, e entretanto todos dizem que conheceis superficialmente a matéria.

«Vos palliais um quadro magnifico, bellissimo de pensamento, sobredo de execução; a critica cabe sobre ella, e sobre vos, e são tantas os argumentos a que recorrem, que a vossa inspiração estanca para sempre.

«Se, porém, sois um teuludo, podés viver a gosto, que ninguém se occupar convosco.

«Essa sãde do maceas só vivem de mis imitações, do puvencio amecados do que fazem França, e quando um nacional se eleva por seu merito muito mal julgam do mediocreidade—que é a primeira virtude dos Prussianos—e os outros jantam-lhe tal genero, que o amplexam.

«E durante esse tempo, o estrangeiro bate os palmas e conquista terreno.»

«Ja se vingu mais disparates?

«O maior de todos os poderes do Estado é o Journal do Commercio, que, como os mais poderosos orgaos de despersonalizada imprensa do Brasil, está nas mãos dos estrangeiros.

«O Journal do Commercio tem por missão enfraquecer o espirito nacional, para perpetuar o estado da politica e consolidar a dominacia portugueza.

«Sustentase por tres modos:

«1.º, palliã correspondencias da Europa, que no Brasil são sempre mais proteritadas e lidas; no que as de terra;

«2.º, do conto as malizantissimas, que sob a capa de desaynto querem escangallar as repaçoes serias; e 3.º, os amecados de maceas, de economias, pates e presumpções.

«Com estes tres engodos alimenta a curiosidade politica, destrói e fabrica regulações a vontade, e incute tanto terror no animo do todos, que o proprio governo do Brasil é puvencio moral e perantioritudo.

«De modo que muitas vezes me leito, lembrado de fazer com o Journal do Commercio e propaganda universal do systema pallio do Sr. Magalhães o Interpudor Tullio vno.»

«Ho-memite sobre o destempero! o abalado critico escreveu talvez estas ludo sob a impressão de in-nomadoe hemercharitudo.

«Hi, que acio de cidade! no momento em que escrevo estas ludo sinto exchalar-se o meu choro de um cavallo morto, que já começa a chorar-me horrivelmente diante do casa em que habito.

«Acostumados, porém, aos misticos de todas as especies, é possível que os fozos do tempo deixem apocoseo do ludo, para depois de muitas reclamações do pallio, removem o espedite já desarticulado.

«Não ha muitos dias que, saindo do casa a dar um gyrosimto pelas artreides do capital, assisti-vos e adormeci a uma especie de variza rufosa cortada meio a meio pelo unico canal que existe no país.

«Então puvenciosiss, nesse canal só corra lama, não navega uma canoa, e todo elle não tem mais do que 30 metros de comprimento, ultim disse não commencia com lio, nem nar, nem ludo de qualidade alguma.

«Fiz-vos porém no melho do somno quanto senti um grande beneficio no olho direito, que me foi palliar agudado. Olli em (omo do nimo e vejo mais de um abitoes a investiram furiosos.»

«Patei! foi so diltar lo mangue; e não qjaria ser examinado pelas umbas do matadouro!

Muitas outras observações se continham no referido manuscrito, que necessitam ser transcritas; mas bastava estas tres para ao aceto; para que se possa apreciar ao resto, decaz ome que se está imprimindo para ser distribuido pelas soldadas do Rio Guilherme, sem duvida para desenvolver-lhes a appetite da cor-quilha do nosso formoso país.

Thiemois.

J. K. R. de S. A. R. C. S.

Ora utilissima

Fomos obsequiados com o curio historico do blo-queio de Paris, obra que devia estar nas mãos de todos que pretendem estudar seriamente a historia do actual genero franco-allemao.



— Que lindíssimo quadro! sei do surdo-mudo, y
 Quê! o surdo-mudo só pinta em estado et-
 nez.



Criança manifestando a meia-noite gentiles dis-
 posição para o desenho.



Os pharmaceuticos do Rio de Janeiro, recolher
 diffidentemente as despezas da variola.



— O nome de minha mulher e o do primo! ah, agora comprehendo... ; por-
 tesso é que o teu rapazão anda em infundido p'ra cá cada do tico-tico...!



— Ah, ah, ah, então já te dispozeste a andar de commenta ao resto?!
 Meu amigo, esta custou o meu dinheiro, não foi do grão como a Eu.



— Como, Sr. Ernesto, eu o convidei para o meu sarrá, e o Sr. não traz a
 sua flauta?! Ora, é como se não comparecesse...



D. Chiquinha, a Srta. que é moça da moda, me explica o que é essa his-
 toria de essas fave?

— Quer dizer que os moleques que foram vindo vão ficando faveas?
 — Pois os parentes de José fazem a gente p'ra moleques?